



**UNISUL**

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

BRUNO CÉSAR JUSTINO DE LIMA

LUDWIG VON MISES E O PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O  
SOCIALISMO

Palhoça

2017

BRUNO CÉSAR JUSTINO DE LIMA

LUDWIG VON MISES E O PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O  
SOCIALISMO

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso  
de graduação em Ciências Econômicas, da  
Universidade do Sul de Santa Catarina,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Santos da Costa e Prof. Dr. Jailson Coelho.

Palhoça

2017

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	05
1.1 EXPOSIÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA.....	05
1.2 OBJETIVOS.....	07
1.2.1 <i>Objetivo geral</i> .....	07
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i> .....	07
1.3 JUSTIFICATIVA.....	08
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	09
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
2.1 SOCIALISMO.....	10
2.2 CÁLCULO MONETÁRIO .....	10
2.3 CÁLCULO ECONÔMICO.....	11
<b>3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	12
3.1 A ESTRUTURA ARGUMENTATIVA USADA POR MISES AO EXPOR O PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO.....	12
3.1.1 DEFINIÇÃO DO SOCIALISMO.....	12
3.1.2 CONSTATAÇÃO DA IMPOSSIBILIDADE DE SE REALIZAR O CÁLCULO MONETÁRIO DOS BENS DE PRODUÇÃO NO SOCIALISMO.....	14
3.1.3 CONSTATAÇÃO DE QUE O CÁLCULO MONETÁRIO É NECESSÁRIO PARA O CÁLCULO ECONÔMICO NAS SOCIEDADES MODERNAS.....	15
3.1.4 CONCLUSÃO DE QUE O CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO É IMPOSSÍVEL....	20
3.2 RESPOSTA DE MISES A POSSÍVEIS OBJEÇÕES SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO.....	24
3.3 OUTROS PROBLEMAS RELACIONADOS AO PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO.....	27
3.4 COMENTÁRIO DE MISES EM RELAÇÃO AO CONTEXTO INTELECTUAL DE SUA ÉPOCA ENVOLVENDO O SOCIALISMO .....	30

3.5 COMENTÁRIO DE MISES A RESPEITO DO PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO E AS SOCIEDADES SOCIALISTAS DE SUA ÉPOCA NO LIVRO “AS SEIS LIÇÕES” .....	35
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A obra de Ludwig von Mises vem se tornando cada vez mais conhecida no Brasil, apesar de ainda ser pouco estudada no meio acadêmico. O economista austríaco, que pertenceu à chamada Escola Austríaca de Economia, foi um dos grandes economistas do século XX e tornou-se mais conhecido pelos seus trabalhos em praxeologia: o estudo das decisões e da ação humana. Mises deu grandes contribuições para o pensamento econômico, sendo um pensador muito prolífico. Sua obra é extensa e trata de temas variados.

Uma parte considerável do trabalho de Mises foi dedicada ao estudo das diferenças entre economias livres e economias planejadas. Defensor dos modelos econômicos que favorecem a liberdade econômica, Mises era um grande crítico do intervencionismo estatal na economia e do socialismo.

### 1.1 EXPOSIÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA

O problema do cálculo econômico é uma crítica feita por Ludwig von Mises aos modelos de economia planificada, inicialmente exposta em 1920 em um ensaio intitulado “O Cálculo Econômico sob o Socialismo”. Posteriormente, Mises estendeu sua crítica ao socialismo em seu principal livro sobre o assunto: “Socialism: An Economic and Sociological Analysis”.

Em sua análise sobre o cálculo econômico sob o socialismo, Mises chega à conclusão de que, por não possuírem mecanismos de formação de preços para os bens de produção, as economias planificadas não possuem meios para alocar seus recursos racionalmente. Assim, os defensores da posição de Mises consideram que sua análise é uma demonstração de que modelos econômicos socialistas são falhos e não podem funcionar de forma eficiente por si mesmos, uma vez que a incapacidade de tomar decisões econômicas racionais geraria o caos na economia.

O problema do cálculo econômico é extremamente importante para o pensamento econômico de modo geral por tratar-se de uma análise que pretende evidenciar a impossibilidade prática da existência de economias com planejamento

central, o que por consequência abalaria a estrutura teórica de vários pensadores em economia, notavelmente os que possuem tendências socialistas. Além disso, o debate sobre o cálculo econômico trouxe importantes descobertas sobre a função dos preços na alocação racional dos recursos de uma sociedade.

A recepção da análise de Mises entre os economistas foi mista. Como era de se esperar de um trabalho importante e polêmico, alguns autores, especialmente os adeptos de teorias econômicas favoráveis ao socialismo, tentaram mostrar que a análise de Mises é falha. A mais famosa tentativa de refutar a análise de Mises veio dos economistas Oskar Lange e Abba Lerner, ambos socialistas. Por outro lado, outros grandes economistas como Friedrich Hayek aceitaram e reforçaram a tese de Mises.

Dessa forma, reconhecendo a importância desse tema para o pensamento econômico, o presente trabalho pretende esclarecer o que é o problema do cálculo econômico sob o socialismo descrito por Mises em sua obra e quais são suas implicações.

## 1.2 OBJETIVOS

Tomando como base o problema de pesquisa, apresentam-se, na sequência, os objetivos a serem alcançados no trabalho de conclusão de curso.

### 1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral do trabalho de conclusão de curso é descrever o problema do cálculo econômico tal como descrito por Mises em sua obra.

### 1.2.2 Objetivos específicos

De forma a atingir e complementar o objetivo geral, apresentam-se alguns objetivos específicos a serem alcançados no decorrer do trabalho:

*- Apresentar o problema do cálculo econômico tal como descrito por Mises em sua obra;*

*- Investigar qual a importância que o problema do cálculo econômico possui dentro do pensamento econômico de Mises.*

### 1.3 JUSTIFICATIVA

O problema do cálculo econômico sob o socialismo é um tema importante para o pensamento econômico principalmente por lidar com questões que são centrais a determinadas correntes de pensamento e por ter gerado um debate muito revelante acerca da eficiência ou não do planejamento central da economia em uma sociedade.

Os defensores do socialismo e do planejamento centralizado da economia como formas recomendadas ou até ideais de organização econômica de uma sociedade devem ter especial interesse nesse tema. Isso se dá pelo fato de que, caso a análise de Mises seja considerada procedente, suas posições deverão ser revistas (como o próprio Mises afirma), em maior ou menor grau, uma vez que ela pretende demonstrar que tais modelos econômicos são necessariamente deficientes.

As discussões em torno do tema foram especialmente intensas nas décadas de 1920 e de 1930, o que fez com que esse período histórico passasse a ser conhecido como o Debate do Cálculo Econômico Socialista. Nesse período, os defensores do socialismo e do planejamento central tentaram demonstrar de diferentes formas que a crítica de Mises era improcedente, enquanto os que concordam com Mises viam em sua análise uma refutação cabal do socialismo enquanto bom modelo de organização econômica de uma sociedade.

Além disso, ao desenvolver sua argumentação, Mises fez valiosas observações sobre vários assuntos, como a importância que os preços têm em uma sociedade capitalista ou sobre a teoria do valor-trabalho, por exemplo.

No entanto, apesar da sua relevância, o problema do cálculo econômico sob o socialismo ainda é um tema relativamente desconhecido no meio acadêmico brasileiro, tal como a obra de Mises como um todo e a de muitos outros autores da Escola Austríaca de Economia. O principal objetivo deste trabalho é, portanto, o de ajudar a divulgar esse tema e a obra de Mises.

## 1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho possui natureza qualitativa e será desenvolvido com base em uma pesquisa descritiva através de um levantamento bibliográfico de textos relacionados ao problema do cálculo econômico sob o socialismo. Pode-se dividir o processo de elaboração do trabalho em 4 etapas:

1ª Etapa: Levantamento da literatura sobre o problema do cálculo econômico sob o socialismo;

2ª Etapa: Leitura e análise do material levantado;

3ª Etapa: Organização e elaboração da estrutura do trabalho;

4ª Etapa: Redação do texto;

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 SOCIALISMO

Logo no início de seu artigo “O Cálculo Econômico sob o Socialismo”, Mises descreve, de forma concisa, o que é o socialismo em sua visão: “No socialismo, todos os meios de produção são propriedade da comunidade. É somente a comunidade que pode manuseá-los, bem como determinar como se dará seu uso em uma determinada produção.”

Dessa forma, para Mises, a essência mesma do socialismo, e aquilo que o distingue do capitalismo, é o fato da propriedade dos meios de produção não pertencer a um indivíduo, ou a um grupo limitado de indivíduos, responsáveis pela produção de determinados bens, mas a uma sociedade como um todo.

É importante para esse trabalho realçar que, como Mises afirma, para que a sociedade mesma possa manter o controle sobre os meios de produção é necessário que exista um órgão encarregado de fazê-lo. De modo geral, considera-se que é o Estado que acaba cumprindo essa função.

### 2.2 CÁLCULO MONETÁRIO

O conceito de cálculo monetário não é definido de forma explícita por Mises ao analisar o problema do cálculo econômico. Isso é compreensível, no entanto, pois trata-se de algo que é fácil de se perceber do que se trata analisando o contexto em que a expressão é usada.

O cálculo monetário pode ser entendido como a determinação do valor monetário de um bem ou de uma operação econômica. Simplificando, trata-se do preço ou do processo de formação de preços.

No contexto de sua exposição do problema do cálculo econômico sob o socialismo, a ideia de cálculo monetário é usada, por exemplo, quando Mises afirma que o socialismo não possui mecanismos para que o cálculo monetário dos bens de produção seja possível. Com isso, ele quer dizer que não é possível que ocorra a formação de preços de tais bens.

### 2.3 CÁLCULO ECONÔMICO

Tal como o conceito de cálculo monetário, o conceito de cálculo econômico não é definido explicitamente por Mises ao tratar sobre o problema do cálculo econômico sob o socialismo. E, ao contrário da ideia de cálculo monetário, trata-se de um conceito mais difícil de ser apreendido unicamente pelo contexto em que ele é utilizado, o que pode gerar confusões.

O cálculo econômico pode ser definido como o processo de comparação entre os custos e os benefícios estimados de um processo produtivo, de uma transação ou de uma atividade econômica qualquer. No contexto em que ele é utilizado por Mises ao abordar o problema do cálculo econômico, esse conceito está mais relacionado ao processo produtivo. Então, quando Mises afirma que o cálculo econômico é impossível no socialismo, ele quer dizer com isso que não é possível comparar os benefícios e os custos esperados do processo de produção de um determinado bem em tal sistema.

Isso traz consequências graves porque sem a possibilidade de tal comparação não é possível dizer se os recursos estão bem alocados ao serem utilizados para produzir algo, nem se a forma como eles estão alocados é eficiente.

### **3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

#### **3.1 A ESTRUTURA ARGUMENTATIVA USADA POR MISES AO EXPOR O PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO**

Mises apresentou o que ficou a ser conhecido como o problema do cálculo econômico sob o socialismo em um artigo publicado em 1920 intitulado “O Cálculo Econômico sob o Socialismo”. A essência da argumentação de Mises segue a seguinte estrutura:

- 1 – Definição do socialismo;
- 2 – Constatação da impossibilidade de se realizar o cálculo monetário dos bens de produção no socialismo;
- 3 – Constatação de que o cálculo monetário é necessário para o cálculo econômico nas sociedades modernas;
- 4 – Conclusão de que o cálculo econômico sob o socialismo é impossível;

Cada uma das etapas da estrutura do argumento será analisada a seguir.

##### **3.1.1 DEFINIÇÃO DO SOCIALISMO**

Mises inicia seu artigo diferenciando o modo de produção socialista e o capitalista. O autor considera que o socialismo é definido pelo controle de todos os meios de produção pela comunidade. Para poder administrá-los, a comunidade precisa de um órgão que se encarregue de fazê-lo em nome dela, geralmente o Estado. No capitalismo, por outro lado, a propriedade privada dos meios de produção é permitida e é nela que o modo de produção se baseia.

Dessa forma, os sistemas socialistas de organização econômica podem variar entre si em relação a várias coisas como, por exemplo, quanto ao modo de organização do Estado, se haverá eleições para os representantes da comunidade ou se será uma ditadura, ou ainda em relação a como se dará a distribuição dos bens de consumo produzidos pela comunidade.

Assim, Mises aponta que é possível que existam trocas de determinados bens em tal sistema. Para exemplificar esse ponto, Mises considera uma sociedade socialista em que cada cidadão tenha uma cota de bens que ele pode receber do Estado. Nada impede que essa pessoa poupe uma parte dessa cota para trocar com outros cidadãos por outros bens:

Um beberrão, por exemplo, irá alegremente abrir mão das bebidas não alcoólicas dadas a ele caso possa trocá-las por mais cerveja, ao passo que o abstêmio irá prontamente abrir mão de sua cota de bebidas caso consiga trocá-las por outros bens. O amante das artes estará disposto a ceder suas entradas de cinema caso possa trocá-las pela oportunidade de ouvir boa música, ao passo que o filisteu certamente estará pronto para trocar suas entradas para exposições artísticas por divertimentos que sejam mais fáceis de entender. Todas essas pessoas irão aceitar de bom grado qualquer troca. (Mises, 1920, p. 18).

No entanto, em qualquer arranjo possível das sociedades socialistas, o comércio sempre estaria limitado àquilo que os trabalhadores recebem, ou seja, bens de consumo. Isso ocorre porque em todo sistema socialista, pela definição de Mises, os bens de produção não podem se tornar propriedade privada de nenhum indivíduo, devendo sempre pertencer à comunidade:

Mas o material dessas trocas será sempre um só: bens de consumo. Bens de produção, em uma comunidade socialista, são exclusivamente comunais; eles são propriedade inalienável da comunidade — logo, eles são *res extra commercium* (coisas fora do comércio). (Mises, 1920, p. 18).

Portanto, não podem ser livremente trocados entre os cidadãos.

### 3.1.2 CONSTATAÇÃO DA IMPOSSIBILIDADE DE SE REALIZAR O CÁLCULO MONETÁRIO DOS BENS DE PRODUÇÃO NO SOCIALISMO

Então, Mises considera que os cidadãos de uma sociedade socialista podem trocar livremente entre si os bens de consumo que tiverem acesso. Além disso, tais trocas não necessariamente precisam ocorrer apenas de forma direta. Tal como nas sociedades capitalistas, o dinheiro pode ser usado como meio universal de troca, uma vez que isso facilitaria imensamente o comércio.

Porém, pela própria definição que Mises dá de socialismo, os bens de produção não poderão ser comercializados, uma vez que são propriedade de um único dono: a comunidade (e, na prática, do Estado). Estão excluídos, portanto, do universo dos bens trocáveis em tal sociedade.

Mas apenas é possível determinar o valor monetário de um bem caso ele possa ser comercializado. Bens que não podem ser trocados por dinheiro diretamente ou indiretamente não possuem preços, que são a expressão do valor monetário de um bem.

Logo, Mises conclui que o cálculo monetário dos bens de produção é uma impossibilidade em sociedades socialistas:

Ademais, exatamente pelo fato de os bens de produção jamais se tornarem objeto de troca, será impossível determinar seu valor monetário. Sob esse aspecto, o dinheiro jamais poderá determinar, em um estado socialista, o valor dos bens de produção da mesma forma que ele o faz em uma sociedade competitiva. No socialismo, portanto, o cálculo em termos monetários será impossível. (Mises, 1920, p. 19).

### 3.1.3 CONSTATAÇÃO DE QUE O CÁLCULO MONETÁRIO É NECESSÁRIO PARA O CÁLCULO ECONÔMICO NAS SOCIEDADES MODERNAS

Primeiramente, é preciso definir o que é cálculo econômico, tal como esse conceito é utilizado por Mises. Pode-se dizer que o cálculo econômico é o processo de

comparação entre os benefícios e os custos estimados de um processo produtivo. Trata-se de um meio de avaliação da forma como os recursos estão sendo ou serão alocados para que a eficiência e a viabilidade do processo de produção seja verificada.

Toda sociedade humana enfrenta dois problemas econômicos básicos: para qual finalidade os recursos disponíveis serão destinados e como realizar o processo de produção de forma eficiente? Assim, as sociedades humanas devem lidar com a escolha do que produzir e de como produzir. Para que essas escolhas sejam feitas é necessário recorrer a algum tipo de avaliação sobre os recursos da sociedade (cálculo econômico), tanto sobre os bens que serão diretamente consumidos, como sobre os que serão utilizados na produção de outros bens.

Uma das formas possíveis de se fazer tais escolhas é usando o julgamento subjetivo. No entanto, trata-se de uma abordagem que evidentemente apresenta grandes limitações. Mises aponta, por exemplo, que é muito mais difícil fazer uma boa avaliação dos bens de produção do que dos bens de consumo. Ou seja, é mais fácil comparar coisas que serão imediatamente utilizadas e fazer uma escolha entre uma delas do que comparar bens de produção e decidir quais deles serão utilizados, em que quantidade e para qual finalidade.

Somente em situações econômicas de muita simplicidade o julgamento subjetivo pode ser satisfatório como base para a avaliação de bens de produção:

Por exemplo, não seria difícil para um agricultor em isolamento econômico fazer uma distinção entre a expansão de seu pasto e a expansão de sua atividade de caça. Nesse caso, os processos de produção envolvidos são relativamente pequenos, e os custos e a renda inerentes a cada processo podem ser facilmente mensurados. Mas a situação se torna bem diferente quando a escolha passa a ser entre a utilização de um rio para a obtenção de eletricidade ou a ampliação de uma mina de carvão ou a formulação de quaisquer outros planos para o melhor emprego da energia latente no carvão bruto. Nesse caso, o processo de produção é maior e mais indireto, sendo que cada etapa é mais longa; conseqüentemente, as condições necessárias para um empreendimento ter sucesso são diversas, o que significa que não se pode incorrer em avaliações vagas. Passa a ser necessário ter estimativas mais exatas, bem como algum julgamento das questões econômicas envolvidas. (Mises, 1920, p. 23).

Além disso, o julgamento subjetivo varia significativamente de pessoa para pessoa, o que o torna impreciso. Outro problema dessa abordagem é que ela não permite que todos os bens sejam reduzidos a um denominador comum, uma vez que não é possível medir valores subjetivos.

Como é possível, então, avaliar corretamente os recursos de uma sociedade em um contexto econômico de grande complexidade, como as das sociedades modernas?

Mises aponta que as sociedades capitalistas resolvem esse problema usando o cálculo monetário como a base para o cálculo econômico. Em outras palavras, as avaliações da eficiência da alocação dos recursos são feitas tendo como base o valor objetivo das trocas desses recursos, ou seja, o preço deles.

Há três vantagens, segundo Mises, em basear o cálculo econômico no cálculo monetário:

A primeira delas é que o cálculo monetário permite que as valorações de todos os participantes da troca sejam consideradas. O uso do julgamento subjetivo, além das outras desvantagens já citadas, apenas permite que a valoração de uma pessoa seja considerada no processo de avaliação. Mas os valores de trocas dos bens de uma sociedade, por outro lado, nascem de forma espontânea dos diferentes valores subjetivos que as pessoas envolvidas na troca possuem.

A segunda é que o cálculo monetário também fornece meios de se verificar a eficiência do processo de produção. Através da comparação dos custos e da receita é possível medir a lucratividade e, portanto, se vale a pena ou não conduzir o processo de produção:

Qualquer um que deseje fazer cálculos relacionados a algum complicado processo de produção irá imediatamente perceber se ele está agindo de maneira mais econômica que os concorrentes ou não; se ele descobrir — por meio das relações de troca predominantes no mercado — que não será capaz de produzir lucrativamente, isso significa que outros estão sabendo melhor como fazer um uso mais adequado desses bens de ordem alta. (Mises, 1920, p. 24).

Por fim, a terceira vantagem é que o cálculo monetário permite que bens de natureza distinta sejam comparados através de uma unidade padrão: o dinheiro.

Apesar de tais vantagens, Mises reforça que há limites para o cálculo monetário.

O primeiro deles é que, segundo o autor, o dinheiro não mensura o valor de um bem uma vez que não há como se medir um valor subjetivo. O dinheiro, na realidade, representa o valor e o preço de um bem. Por causa disso, o dinheiro não é estável, sofre flutuações a todo o tempo. No entanto, Mises afirma que isso não inviabiliza o cálculo monetário:

Entretanto, essas flutuações perturbam apenas minimamente os cálculos de valor, uma vez que, por causa das incessantes alterações que ocorrem nas outras variáveis econômicas, esses cálculos irão se referir a períodos de tempo comparativamente pequenos — períodos nos quais uma moeda “forte” irá sofrer apenas flutuações relativamente triviais em seu poder de compra. (Mises, 1920, p. 25).

O segundo ponto fraco do cálculo econômico, na abordagem de Mises é que ele apenas abrange os bens que podem ser comercializados. Assim, bens que estão além do campo das trocas não podem ser avaliados pelo cálculo monetário, uma vez que não formam preços. Para exemplificar, Mises afirma: “Se, por exemplo, um homem tivesse de calcular a lucratividade de se construir uma usina hidráulica, ele não seria capaz de incluir em seus cálculos os danos que tal esquema iria trazer à beleza das cachoeiras.”

Esses fatores que estão fora do domínio das trocas, e portanto fora do domínio do cálculo monetário, são chamados de elementos “extra-econômicos”. Mises aponta ainda que, apesar de não ser possível calcular o valor monetário de tais bens, ainda é perfeitamente possível e racional que eles sejam considerados na análise. Nada impede que uma determinada construção não seja feita por se considerar que ela teria um impacto demasiadamente negativo em um local de grande beleza, apesar de não ser possível precificar a beleza de qualquer lugar em si mesma.

O cálculo monetário apenas possui significado, portanto, dentro do universo dos bens que podem ser trocados. Mises critica a prática de alguns economistas que, por

exemplo, tentam calcular em termos de valor monetário as perdas humanas em guerras, o que seria um absurdo.

No entanto, mesmo com suas limitações o cálculo monetário serve muito bem como base para o cálculo econômico. Mises afirma que:

É ele quem nos guia através da plenitude opressiva das potencialidades econômicas. Ele nos permite imputar a todos os bens de ordem mais alta o nosso juízo de valor, juízo esse que está estreitamente ligado aos bens que estão prontos para o consumo final, ou que são, na melhor das hipóteses, bens de produção da mais baixa ordem. O cálculo faz com que os valores desses bens possam ser computados, o que conseqüentemente nos fornece as bases para todas as operações econômicas com os bens de ordens mais altas. Sem a possibilidade do cálculo, todos os processos de produção que duram vários anos, bem como todos os processos longos e indiretos, inerentes à produção capitalista, seriam como tatear no escuro. (Mises, 1920, p. 27).

Há também condições para o cálculo monetário seja possível. Mises afirma que são duas:

A primeira é que não apenas os bens do consumo devem estar dentro do universo das trocas, os bens de produção também devem estar. Pois é evidente que o valor de troca de um determinado bem só existe caso esse bem pode ser trocado. Além disso, Mises afirma que por mais genial que a mente de um ser humano possa ser, ela ainda não é capaz de determinar todas as possibilidades de produção de um determinado bem. É, portanto, incapaz de fazer um juízo de valor de forma direta sobre um bem que possa servir como boa fonte de comparação entre ele e outros bens. Esse fato torna o cálculo monetário uma necessidade.

A segunda condição é que é necessário que um meio de troca universal seja utilizado, no caso, o dinheiro. É importante que se use o mesmo meio de troca para todos os bens porque só assim é possível reduzi-los a um denominador comum.

Como já foi afirmado, é apenas em situações de muita simplicidade que o cálculo econômico pode ser dispensado. Mises cita o exemplo de uma economia doméstica:

Dentro dos limites estreitos de uma economia doméstica, por exemplo, na qual o pai pode supervisionar toda a conduta econômica, é possível determinar, mesmo sem fazer uso de auxílios avançados, qual a importância de algumas mudanças no processo de produção e, ainda assim, obter razoável precisão. Nesse caso, todo o processo se desenvolve sob um uso relativamente limitado do capital. Os processos indiretos de produção, típicos do capitalismo, que se encaixam neste modelo são muito poucos: nesse caso, o que estaria sendo manufaturado seriam bens de consumo, ou, no máximo, bens de uma ordem mais alta que estão muito próximos dos bens de consumo. A divisão do trabalho está em seus estágios mais rudimentares: um único trabalhador controla a mão-de-obra daquilo que é, na realidade, um processo de produção completo de bens prontos para o consumo, do início ao fim. Tudo isso é diferente, entretanto, nas produções comunais. (Mises, 1920, p. 28).

A situação é bem diversa, no entanto, quando a complexidade dos processos econômicos aumentam, como é o caso das sociedades modernas (tanto a da época de Mises, como a atual). Mises aponta que em certas situações pode até ser possível que uma sociedade socialista, uma sociedade que não pode recorrer ao cálculo monetário dos bens de produção, decida qual bem deve ser produzido. No entanto, a escolha do que se produzir é apenas uma parte do processo de produção, uma vez que também é necessário se decidir quais os meios:

Assim, é evidente que, mesmo em uma sociedade socialista, 100.000 litros de vinho são preferíveis a 80.000; e não é difícil se decidir entre 100.000 litros de vinho ou 500 de azeite. Não é necessário sistema algum de cálculo para se estabelecer o seguinte fato: o elemento determinante é a mera vontade dos agentes econômicos envolvidos. Porém, uma vez que essa decisão tenha sido tomada, a verdadeira tarefa da orientação econômica racional está apenas começando — isto é, como colocar economicamente os meios a serviço dos fins. (Mises, 1920, p. 28).

Para Mises, é somente através do cálculo econômico que a produção pode ser conduzida de modo eficiente. A mente humana por si só ficaria perdida diante da infinidade de possibilidades de produção de cada bem de produção e, portanto, não saberia como alocar os recursos. Dessa forma, os juízos de valor não são capazes de

fornecer uma boa base para a decisão de quais bens utilizar e como utilizá-los bem na produção. Para Mises, portanto, a alocação racional dos bens está diretamente relacionada ao uso dos preços como a base para o cálculo econômico:

E tão logo se abandone a idéia de preços monetários livremente estabelecidos para os bens de ordem mais alta, a racionalidade na produção se torna completamente impossível. Qualquer medida que nos afaste da propriedade privada dos meios de produção e do uso do dinheiro, também nos afasta da racionalidade econômica. (Mises, 1920, p. 29).

### **3.1.4 CONCLUSÃO DE QUE O CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO É IMPOSSÍVEL**

Da premissa de que o cálculo monetário é necessário para o cálculo econômico e da premissa de que o cálculo monetário é impossível em um sistema socialista segue-se logicamente que o cálculo econômico sob o socialismo é impossível. E não sendo possível fazer a avaliação dos diferentes bens para que se possa escolher qual usar em um determinado processo produtivo, nem sendo possível verificar a eficiência de tal processo, a alocação racional de recursos também se torna impossível.

Mises segue afirmando que é fácil ignorar a dificuldade que os sistemas socialistas possuem de alocar racionalmente seus recursos, uma vez que tais sistemas na verdade são como uma ilha em meio a um oceano de capitalismo. Assim, o simples fato das empresas de um país se tornarem estatais não significa que se trata de um sistema socialista de fato, uma vez que tais empresas ainda seriam extremamente dependentes do sistema econômico e das trocas comerciais, provenientes do capitalismo, que estão ao redor delas.

Mises também afirma que os aperfeiçoamentos tecnológicos que acontecem nas empresas estatais são, na verdade, por influência das empresas privadas. Isso ocorre porque as inovações ocorrem nas empresas privadas primeiro e aquelas inovações que têm impacto positivo em tais empresas são copiadas pelas empresas estatais. Mas isso só ocorre porque há um ambiente capitalista. No caso em que o ambiente fosse

socialista, as empresas estatais não teriam quem copiar e as inovações seriam muito menos frequentes, portanto.

Com a ausência da possibilidade de se comparar os custos e os ganhos de um processo produtivo, a economia seria caótica. Daí, Mises afirma que:

Sem o cálculo econômico não pode existir uma economia. Portanto, em um estado socialista no qual o cálculo econômico é impossível, não pode existir — no nosso sentido do termo — qualquer economia. Em questões triviais e secundárias, a conduta racional poderia ainda ser possível, mas em termos gerais seria impossível falar de produção racional. Não haveria meios de se determinar o que seria racional; e, sendo assim, é óbvio que a produção jamais poderia ser guiada por meras considerações econômicas. (Mises, 1920, p. 29).

Mises considera que para que a economia socialista possa ter a possibilidade de funcionar ela necessariamente deve ser como que uma parasita de uma economia capitalista. Se fosse criado subitamente um ambiente socialista no mundo, Mises faz previsões do que aconteceria. O colapso da economia não seria imediato, uma vez que ainda haveria a memória de como as coisas funcionavam sob o capitalismo. No entanto, após algum tempo as condições econômicas da sociedade mudariam e a economia não haveria meios de se ajustar, gerando o caos econômico.

A seguir, Mises tenta prever a natureza da sociedade socialista. As empresas do sistema socialista não possuirão meios para verificar a eficiência do processo produtivo:

Haverá centenas de milhares de fábricas em operação. Poucas estarão produzindo bens prontos para seu uso final; na maioria dos casos, o que será manufaturado serão bens inacabados e bens de produção. Todas essas empresas serão inter-relacionadas. Cada bem passará por uma série de estágios de produção antes de estar pronto para uso. Entretanto, nesse ininterrupto, monótono e repetitivo processo, a administração estará sem quaisquer meios de avaliar a eficácia de sua produção. Ela nunca poderá determinar se um dado bem ficou ou não por um tempo desnecessariamente longo em sua linha de produção, ou se houve desperdício de trabalho e materiais durante a manufatura. Ademais, como poderá ela determinar qual dos inúmeros métodos de produção é o mais lucrativo? Na melhor das hipóteses,

ela poderá apenas comparar a qualidade e a quantidade do produto final produzido, mas, somente em casos extremamente raros poderá comparar as despesas acarretadas pela produção. (Mises, 1920, p. 30).

Mises afirma que administração dos meios de produção no socialismo teria necessariamente que tentar encontrar os meios mais eficientes de produzir, tentando reduzir os custos da produção. No entanto, eles não possuirão o sistema de preços para que os custos do processo possam ser calculados e comparados com outras formas de se organizar a produção, tendo que recorrer a juízos de valor. Mas como já foi afirmado por Mises, tal meio de se analisar a economia é ineficiente em situações complexas como as das sociedades modernas:

A administração pode até saber exatamente quais bens são os mais urgentemente necessitados, mas esse é somente um dos dois pré-requisitos necessários para o cálculo econômico. E, pela natureza do socialismo, a administração terá de renunciar a esse outro pré-requisito — a valoração dos meios de produção. (Mises, 1920, p. 32).

O dinheiro, portanto, não tem nenhuma função no que diz respeito ao cálculo econômico em uma sociedade socialista.

Mises dá ainda um exemplo que compara a construção de uma ferrovia em um sistema capitalista e em um socialista. Nos dois casos é necessário avaliar se a construção da ferrovia é viável ou não e quais trechos. No caso da sociedade socialista, Mises considera que:

Em uma economia monetária e competitiva, essas dúvidas seriam resolvidas pelo cálculo monetário. A nova ferrovia iria baratear o transporte de alguns bens e seria possível calcular se tal redução de custos de transporte supera os custos envolvidos na construção e manutenção de uma outra ferrovia. Tudo isso só pode ser calculado em termos monetários. Não é possível chegar a alguma conclusão simplesmente contrabalanceando o consumo de equipamentos e o estoque de equipamentos. Quando passa a não ser possível expressar ferro, carvão, horas de trabalho e todos os tipos de materiais de construção, de

máquinas e outras coisas necessárias para a construção e manutenção da ferrovia em termos de alguma unidade comum, então não mais é possível fazer qualquer tipo de cálculo. A contabilização de despesas, em termos econômicos, somente é possível quando todos os bens e serviços podem ser aludidos em termos monetários. É fato que o cálculo monetário tem suas inconveniências, bem como sérios defeitos, mas certamente não temos nada melhor para colocar em seu lugar; e, para os propósitos práticos da vida, o cálculo monetário como o conhecemos, em um sistema monetário sólido, sempre será suficiente. Tivéssemos de aboli-lo, qualquer sistema econômico baseado no cálculo se tornaria absolutamente impossível. (Mises, 1920, p. 32).

Com esse exemplo fica evidente que Mises considera essencial o papel dos preços para a racionalização da produção em uma sociedade.

No caso da sociedade socialista, porém, os preços dos meios de produção não existem. E, portanto, a decisão da construção ou não da ferrovia, bem como quais áreas ela ligaria, iria depender, no máximo, de estimativas pouco precisas, ineficientes. Não poderia ser, como no caso do sistema capitalista, baseada em valores mais exatos.

Mises considera ainda a situação meramente hipotética de um estado socialista que seja estático (uma vez que não há sociedades que sejam estáticas). A condição inicial desse estado socialista seria correspondente à situação final do estado capitalista que o antecedeu. Portanto, o sistema econômico ainda poderia ser racionalmente conduzido, uma vez que ela já era racionalmente conduzido no estágio capitalista. Como não há mudanças, tudo o que resta a fazer é considerar que os preços dos bens de produção e dos de consumo se mantiveram e manter a organização econômica como era.

Mas, é claro, no mundo real a ideia de uma sociedade totalmente estática é impossível de se concretizar. As preferências das pessoas mudam e sempre surgem avanços tecnológicos que alteram a situação econômica, bem como os preços dos bens de uma sociedade. Além disso, a própria transição de uma sociedade capitalista para uma socialista já traria impactos profundos para a economia de um país, como o reajuste do consumo e de salários, por exemplos.

Mises finalmente conclui:

Portanto, em um estado socialista, cada mudança econômica se torna um empreendimento cujo sucesso não pode nem ser estimado antecipadamente e nem ser determinado retroativamente. Há apenas movimentos cegos. O socialismo é a abolição da racionalidade econômica. (Mises, 1920, p. 33).

### 3.2 RESPOSTA DE MISES A POSSÍVEIS OBJEÇÕES SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO

A seguir, Mises faz um trabalho de verificação e tenta ver se é de fato impossível haver o cálculo econômico em um sistema socialista.

O autor começa analisando, por exemplo, o funcionamento e uma grande empresa no capitalismo. Geralmente tais empresas são subdivididas em setores e cada um deles desfruta de relativa independência um do outro. Assim, cada setor pode calcular os custos dos materiais a serem utilizados na produção e também o custo da mão de obra utilizada e, dessa forma, pode comparar os custos e os ganhos. No entanto, há limitações para esse tipo de abordagem. Mises afirma que existe uma certa dificuldade de se considerar os gastos gerais da empresa dessa forma. Além disso, nem tudo pode ser rigorosamente determinado. Mises cita o exemplo de um processo de avaliação da lucratividade de um determinado processo produtivo em que a depreciação das máquinas é calculada como se elas tivessem uma durabilidade pré-determinada. Mas trata-se de uma aproximação, uma vez que a durabilidade das máquinas é variável. No entanto, os erros tendem a ser pequenos, o que mantém a eficiência da abordagem.

Há quem defenda que o Estado socialista poderia se organizar de modo semelhante às empresas grandes no capitalismo, ou seja, mantendo uma certa independência entre os setores e a partir disso ela seria capaz de organizar sua produção de forma racional.

No entanto, Mises aponta que não é a independência dos setores em si mesma que permite o cálculo econômico em empresas grandes no capitalismo: é formação dos preços dos bens no livre mercado. Em um sistema socialista esse mecanismo ainda seria inexistente, mesmo com a possível independência entre os diversos setores da administração. Portanto, para Mises:

É exatamente nas transações de mercado que os preços de mercado — a serem tomados como base para todos os cálculos — são formados para todos os tipos de bens e mão-de-obra empregados. Onde não há um livre mercado, não há mecanismo de preços; e sem um mecanismo de preços, é impossível haver cálculo econômico. (Mises, 1920, p. 35).

Mises então se pergunta um sistema socialista poderia permitir o comércio entre os diversos setores que compõem a produção da sociedade, tentando obter dessa forma a formação dos preços dos bens. Assim, os diversos setores da economia poderiam trocar entre si seus recursos por dinheiro, para que os preços desses recursos sejam determinados. De posse dos preços, o sistema socialista poderia usá-los como base para o cálculo econômico, tal como os sistemas capitalistas fazem. Sobre esse ponto, Mises afirma que o comércio real entre esses diferentes setores da economia socialista só pode ocorrer se eles forem de fato independentes entre si, o que significa que os recursos teriam que ser propriedade de cada setor. Esse arranjo estaria mais próximo do capitalismo do que do socialismo:

Relações de troca entre bens de produção somente podem ser estabelecidas se estiverem baseadas na propriedade privada dos meios de produção. Quando o “sindicato dos carvoeiros” fornece carvão ao “sindicato dos metalúrgicos”, nenhum preço pode ser formado, exceto se ambos os sindicatos forem os donos dos meios de produção empregados em seus respectivos negócios. Isso não seria um socialismo, mas, sim, um sindicalismo ou um capitalismo trabalhista. (Mises, 1920, p. 36).

Mises ainda discute como os adeptos da teoria do valor-trabalho encaram essa questão. A teoria do valor-trabalho afirma que o valor de um bem corresponde à quantidade de trabalho a ele incorporado. Alguns adeptos notáveis da teoria do valor-trabalho são Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx e Friedrich Engels, apesar de haver diferenças significativas no modo como esses autores a entendiam.

Assim, considerando a teoria do valor-trabalho, o trabalho passaria a ser a base para o cálculo econômico em uma sociedade socialista, dispensando o cálculo monetário. Os recursos poderiam ser alocados racionalmente dessa forma.

Mas Mises, no entanto, era um crítico da teoria do valor-trabalho. O autor aponta dois defeitos do cálculo do valor tendo como base o trabalho.

O primeiro é que a teoria do valor-trabalho não aborda a questão da valoração dos recursos naturais de forma adequada. O fato de um recurso estar disponível em maior ou menor quantidade exige que menos ou mais trabalho seja incorporado a ele. E o fato desse bem estar disponível de forma abundante ou não altera o valor do mesmo. Mas a teoria do valor-trabalho ignora essa questão.

O segundo defeito é que a teoria do valor-trabalho ignora as diferenças qualitativas entre os diversos tipos de trabalhos existentes em uma sociedade. Mises cita que Karl Marx considerava que todo trabalho era, no fundo, do mesmo tipo pois para ele tratava-se sempre do uso do corpo humano para fins de produção. Para Marx, o trabalho qualificado é, na realidade, uma forma de trabalho simples que foi simplesmente multiplicada ou intensificada. Portanto, uma quantidade pequena de trabalho qualificado seria equivalente a uma grande quantidade de trabalho simples. Tal posição foi muito criticada pelo economista Eugen von Böhm-Bawerk e Mises realça essa crítica. Mises afirma que os diferentes graus de habilidade que cada ser humano possui faz com que os bens produzidos por eles tenham qualidades diferentes. Além disso, não é possível reduzir todos os tipos de trabalho a um denominador comum sem a valoração que os consumidores fazem em relação aos resultados de cada trabalho, sendo que esse mecanismo é abolido no socialismo. E a experiência mostra que os bens são trocados sem que seja levado em conta se eles foram produzidos por trabalho simples ou complexo. A homogeneidade do trabalho, portanto, não é demonstrada.

Dessa forma, Mises conclui que a teoria do valor-trabalho não poderia substituir o cálculo monetário como base para o cálculo econômico porque tal teoria não é capaz de avaliar propriamente dos bens produzidos e utilizados pela sociedade.

### 3.3 OUTROS PROBLEMAS RELACIONADOS AO PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO SOB O SOCIALISMO

A seguir, Mises examina problemas que estão relacionados ao cálculo econômico, como o problema da responsabilidade e da iniciativa em empresas socialistas. Trata-se do problema dos incentivos que uma empresa socialista apresentaria no socialismo para inovar e se aprimorar. A inexistência de um ambiente competitivo, que estimule as empresas a melhorarem, e o fato da empresa ser administrada por pessoas que na realidade não possuem motivações pessoais fortes para gerenciá-la bem tornaria as empresas socialistas ineficientes, Mises afirma.

Alguns socialistas poderiam afirmar que muitas grandes empresas em um sistema capitalista não são administradas diretamente por seus donos, mas sim por seus diretores executivos. Portanto, o fato das empresas socialistas serem dirigidas por representantes da sociedade e não por alguém que seja proprietário da empresa não seria problema.

Para responder a essa afirmação, Mises inicia fazendo uma distinção entre dois grupos de empresas de sociedade anônima.

O primeiro grupo, geralmente composto de empresas pequenas, é o daquelas empresas que são administradas por seus acionistas ou por parte deles. Nesse caso, é evidente que os administradores da empresa possuem interesses pessoais no sucesso dela.

O segundo grupo é formado por empresas, geralmente grandes, que são apenas parcialmente administradas por seus acionistas. Nesse caso, pode ocorrer conflitos de interesse em relação ao melhor modo de se administrar a empresa entre os acionistas e os diretores. Os acionistas querem lucrar e para isso dependem do bom desempenho da empresa e o diretor executivo pode ser demitido caso não apresente resultados satisfatórios e além disso é recompensado com os ganhos da empresa. Dessa forma, também nesse caso os administradores da empresa possuem interesses pessoais no bom funcionamento e na prosperidade da empresa.

Mises aponta que as empresas socialistas não são administradas por pessoas que possuem uma motivação pessoal forte para fazer as coisas com que elas prosperem de

fato, o que as leva a serem ineficientes. O resultado é que quando as empresas socialistas apresentam inovações, na verdade, tratam-se de cópias de outras inovações que surgiram em empresas capitalistas:

Dado que hoje estamos em uma posição que nos permite pesquisar décadas de empreendimentos estatais e socialistas, é algo amplamente reconhecido que não há meios de se adotar mecanismos de estímulo para reformar e aprimorar a produção em empresas socialistas, que elas não são capazes de se ajustar às constantes alterações na demanda, e que, em suma, elas são um membro morto em um organismo econômico. Todas as tentativas de dar vida a elas até hoje têm sido em vão. (Mises, 1920, p. 42).

Existiram propostas de se modificar o sistema de remuneração de uma empresa socialista como uma forma de motivar os administradores a serem mais eficientes. Esperava-se com isso que a administração de uma empresa socialista se equiparasse às das empresas capitalistas.

Mises critica essa proposta dizendo que a diferença de mentalidade dos administradores ainda seria enorme. No caso do sistema capitalista, os administradores geralmente são donos de uma parte considerável das ações da empresa ou desejam estar nessa posição no futuro, o que significa que é do interesse deles que a empresa prospere. Há também a perspectiva de transmitir os cargos, ou parte da influência na empresa, aos herdeiros. Portanto, o incentivo que os administradores de empresas capitalistas possuem é bem mais profundo e muito diferente do que os administradores de empresas socialistas.

Mises critica a ingenuidade muitos socialistas em acreditar que, com a eliminação dos interesses pessoais dos administradores em relação à situação da própria empresa, elas ainda iriam ser tão produtivas e preocupadas em se aprimorarem quanto as empresas capitalistas.:

Em um contexto socialista, de nada adianta recorrer a estes argumentos para garantir que uma ordem econômica construída sobre fundamentos socialistas terá sucesso. Todos os sistemas socialistas, inclusive aquele de Karl Marx e seus apoiadores ortodoxos, partem da suposição de que, em uma sociedade

socialista, um conflito entre os interesses do indivíduo e do coletivo jamais poderá surgir. Todos irão agir com total interesse em dar o seu melhor, pois ele participa da produção de toda a atividade econômica. A óbvia objeção de que o indivíduo está muito pouco preocupado em determinar se ele próprio é diligente e entusiástico, e que é da maior importância para ele que todos os outros o sejam, é algo completamente ignorado por eles. Quando muito, é insuficientemente abordado. Eles acreditam que podem construir uma economia socialista tendo por base apenas o Imperativo Categórico. (Mises, 1920, p. 43).

Mesmo que de alguma forma as pessoas em um sistema socialista, sem a pressão da concorrência e a existência de grandes interesses pessoais, fossem capazes de se dedicar e de serem tão produtivas quanto em um sistema capitalista ainda haveria a questão da impossibilidade da alocação de recursos de forma racional em tal sociedade. O problema do cálculo econômico ainda existiria.

Mises ainda afirma que muitas pessoas acham que o problema da má gestão e da ineficiência das empresas socialistas seria resolvido se os administradores pensassem de forma menos burocrática e de forma mais comercial. Sugerem ainda que caso os administradores das empresas socialistas fossem comerciantes e pessoas relacionadas a atividades econômicas, isso supostamente faria com que as empresas socialistas operassem de forma menos burocrática e mais eficiente.

Respondendo a isso, Mises aponta que a natureza dinâmica das empresas capitalistas não vem simplesmente dos talentos individuais dos gestores, mas da função que eles ocupam na empresa a relação deles próprios com a empresa:

O problema é que “mentalidade comercial” não é algo externo, algo que pode ser arbitrariamente transferido. As qualidades de um comerciante não dependem de aptidões inatas e nem são adquiridas por meio de estudos em uma escola de comércio ou por meio do trabalho em um estabelecimento comercial. Tampouco dependem de ele já ter sido um homem de negócios durante algum tempo. A atitude e a vivacidade comercial de um empreendedor surge de sua posição no processo econômico; porém, ela é perdida quando ele sai desse ramo. (Mises, 1920, p. 44).

Assim, Mises considera que mesmo que o gestor possua a experiência anterior de controlar outras empresas, ao assumir o comando de uma empresa socialista ele torna-se um funcionário público como qualquer outro, uma vez que a relação dele com as empresas socialistas não envolve fortes interesses pessoais, como aconteceria no capitalismo.

Portanto, Mises considera que a ineficiência e a falta da capacidade de adaptação das empresas socialistas são problemas que não podem ser resolvidos com o mero rearranjo na forma de organização dessas empresas.

Sobre a questão da falta de flexibilidade e de inovação das empresas socialistas, Mises afirma que dificilmente a administração das empresas seria exercida por uma única pessoa, pois seria fácil para esse indivíduo tomar decisões em benefício próprio, causando danos à sociedade. Assim, é mais provável que a administração seja feita por comitês. Mas tais comitês tendem a ser contrários à introdução de novos métodos de se produzir, por acharem isso algo arriscado. Isso também contribui para a falta de inovação em empresas socialistas, segundo Mises.

Mises considera que tais problemas são parte da natureza mesmo do modo de produção socialista. Quanto mais interesse pessoal uma pessoa tiver em um processo de produção socialista mais ela será considerada como algo potencialmente danoso à empresa, por poder usá-la em benefício próprio em detrimento da sociedade. No capitalismo, por outro lado, a responsabilidade sobre o processo produtivo é do administrador, que é sempre pressionado a ser cada vez mais eficiente e é ele próprio quem lida com seus sucessos e falhas ao tentar introduzir inovações.

#### 3.4 COMENTÁRIO DE MISES EM RELAÇÃO AO CONTEXTO INTELECTUAL DE SUA ÉPOCA ENVOLVENDO O SOCIALISMO

No capítulo final do artigo, Mises faz comentários a respeito do pensamento dos socialistas de sua época e, mais detalhadamente, de Otto Bauer e Lênin.

Mises inicia criticando a miopia intelectual que muitos socialistas apresentavam ao ignorar questões de longo prazo. Muitos defensores do socialismo estavam muito

mais preocupados com a discussão dos meios de se fazer a transição do capitalismo para o socialismo do que em pensar na forma de organização da sociedade socialista e seus potenciais problemas. Mises afirma que é exatamente pelo fato de eles ignorarem em grande parte a análise das dificuldades que uma sociedade socialista enfrentaria que eles não perceberam o problema da impossibilidade do cálculo econômico racional em tal sociedade.

Mises então faz comentários à visão de Otto Bauer. Esse pensador socialista considerava que o processo de estatização dos bancos seria a etapa final e definitiva do processo de transição para uma sociedade socialista. Ele considerava isso porque a regulação da mão de obra e o processo de distribuição dos recursos de forma racional em uma sociedade socialista só seria possível se os bancos fossem controlados pelo Estado, o representante da sociedade. Bauer afirma que esse processo de estatização dos bancos seria bastante simples: transferir o poder que os acionistas dos bancos possuíam para os representantes da nação seria suficiente.

Mises critica essa visão ao dizer que Bauer ignora completamente o fato da natureza mesma dos bancos ser drasticamente alterada com essa mudança. Mises entende que a unificação dos bancos em um único Banco Central faria com que o crédito pudesse ser concedido sem restrições, alterando a estrutura sistema monetário de uma sociedade. Além disso, Mises entende que a estatização desse Banco Central faria com que as trocas monetárias em uma sociedade desaparecessem. Portanto, em uma sociedade socialista os bancos não mais teriam a função de conceder crédito.

Mises então critica a ingenuidade dos socialistas em acreditar que as instituições existentes em uma sociedade capitalista seriam facilmente adaptadas a uma sociedade socialista, sem maiores problemas. A eliminação do comércio de bens de produção faria com que esses bens não formassem preços e, portanto, não pudessem ser propriamente avaliados e comparados entre si. Dessa forma, não seria possível alocar os recursos de forma racional, uma vez que não seria possível saber com segurança quais recursos devem ser utilizados e de que forma para que o processo produtivo seja eficiente.

Mises então comenta brevemente sobre a experiência da Rússia e da Hungria quando esses países estavam sob o domínio soviético, no contexto histórico de 1920. Mises descreve a situação desses dois países nos seguintes termos:

O que ocorre lá nada mais é do que um retrato da destruição de uma vigente ordem de produção social, a qual foi substituída por uma economia fechada baseada na sociedade camponesa. Todos os setores da produção dependentes da divisão social do trabalho se encontram em um estado de total dissolução. O que está ocorrendo sob o domínio de Lênin e Trotsky é pura destruição e aniquilação. (Mises, 1920, p. 49).

Mises afirma que tais comunidades que estavam a caminho do socialismo sequer começaram a perceber a existência do problema do cálculo econômico sob o socialismo. Um dos motivos para essa ignorância sobre esse problema é que tais comunidades ainda possuíam uma certa dose de comércio e ainda existia a propriedade privada dos meios de produção em certos casos, apesar de ser proibida pelo Estado. Portanto, tais sociedades não possuíam dificuldade em avaliar seus recursos, uma vez que eles ainda poderiam ser comparados através do preço dos mesmos.

A seguir, Mises analisa a situação da Rússia soviética mais especificamente, sob a visão e os planos de Lênin. Lênin considerava que a coisa mais urgente que o regime soviético deveria tratar era a introdução do controle estatal das empresas no país e organizar a estrutura da contabilidade. Mises afirma que Lênin simplesmente não percebia que a situação econômica do país era de uma natureza totalmente diversa do antigo sistema que existia na Rússia e que não bastava simplesmente passar tudo para o controle do Estado:

Lênin continua longe de entender que há um problema inteiramente novo com o qual ele está lidando, problema esse que é impossível de ser solucionado por meio dos instrumentos tradicionais da cultura “burguesa”. Como um verdadeiro político, ele não se preocupa com as questões que vão um pouco mais além do seu nariz. Ele ainda se encontra rodeado de transações monetárias, e não percebe que, com a progressiva socialização, o dinheiro também irá

necessariamente perder a sua função de meio de troca de uso geral, pois, com a abolição da propriedade privada, as trocas também desaparecerão. (Mises, 1920, p. 49-50).

Lênin considerava que a introdução de técnicas de contabilidade “burguesas”, próprias do capitalismo, seria desejável para o bom funcionamento da economia socialista na Rússia Soviética. Porém, Mises afirma que Lênin ignora o fato de que tais técnicas só são possíveis de serem aplicadas em um ambiente econômico em que exista a possibilidade de cálculo monetário dos bens de produção, algo que é necessariamente excluído de uma sociedade socialista. Evidentemente, não se pode fazer cálculos baseados em preços de bens que não são precificados.

Para Lênin, a sociedade da Rússia Soviética devia se organizar como uma espécie de rede de comunidades produtoras, sendo que cada uma delas seria responsável pelo cálculo da sua produção e pela distribuição dos bens entre seus habitantes. As comunidades que obtivessem maior sucesso ensinariam as comunidades menos eficientes a se organizar melhor. Além disso, as comunidades mais bem-sucedidas seriam premiadas com aumento salarial, redução da carga de trabalho e a permissão para o maior desenvolvimento de práticas culturais.

As empresas, para Lênin, seriam parte do grande sistema trabalhista da sociedade socialista. Aquelas empresas que seriam ativas na produção da comunidade poderiam participar das decisões envolvendo a organização do processo produtivo e a distribuição dos bens produzidos.

No entanto, a mão de obra e tudo aquilo que é produzido pela comunidade seria propriedade de todos sob o regime socialista. Dessa forma, surge a pergunta: como seria feito o cálculo econômico em uma sociedade estruturada dessa maneira descrita por Lênin?

Lênin acreditava que a decisão do que produzir e em que quantidade seria baseada em estatísticas, que seriam amplamente divulgadas entre a população. Assim, Lênin queria que a população por conta própria decidisse o que produzir através de estatísticas.

No entanto, Mises afirma que Lênin não detalha o que ele quer dizer exatamente por “estatísticas”. E, de qualquer forma, Mises reafirma a sua ideia da necessidade do

cálculo monetário como base para o cálculo econômico. As estatísticas só teriam utilidade como base para o cálculo econômico caso elas se referissem ao cálculo monetário, para Mises:

A estatística só seria aplicável ao cálculo econômico se ela pudesse ir além do cálculo in natura, cuja inadequação a esse propósito já foi demonstrada. Ela é naturalmente impossível de ser utilizada onde nenhuma relação de troca entre bens no processo de transação comercial é formada. (Mises, 1920, p. 52).

Mises encerra seu artigo destacando a ironia de que os defensores do socialismo muitas vezes argumentam que tal sistema seria superior ao capitalismo justamente por permitir uma maior racionalidade econômica por causa do planejamento central. Porém, como defende Mises, é justamente a centralização da economia e a remoção do processo de formação de preços dos bens de produção, que ocorrem em economias socialistas, que impossibilitariam a alocação racional de recursos.

Mises afirma que muitos socialistas acreditam que análises técnicas que são feitas em relação à produção seriam suficientes para a determinação da alocação racional dos recursos. Porém, as análises técnicas servem para a resolução de problemas específicos e não poderiam ser usadas para como base para a condução de um sistema econômico como um todo. Além disso, as análises técnicas na verdade pressupõem a existência da ideia de lucratividade, a qual só pode ser medida através da comparação dos gastos e da receita. Mas os gastos e a receita só podem ser determinados quando se leva em conta o valor arrecadado por uma entidade e os custos da produção. Assim, tanto a determinação dos gastos como a determinação dos lucros depende da existência de um sistema de preços. A análise técnica, portanto, pressupõe o sistema de preços e torna-se inútil sem ele.

Mises também nota que os defensores do socialismo tendem tratar os bens pelo seu valor objetivo, que seria determinado pela teoria do valor-trabalho. No entanto, Mises afirma que para assuntos econômicos o valor objetivo só é relevante por causa da sua influência no valor subjetivo que as pessoas dão a cada bem de uma sociedade. Isso ocorre porque os processos de troca, de produção e de distribuição dos bens de

uma sociedade são feitos levando-se em conta as demandas dos indivíduos, ou seja, aquilo que eles valorizam mais ou menos em um determinado momento.

Finalizando sua análise, Mises diz que o fato da racionalidade econômica e, portanto, da alocação eficiente de recursos ser impossível em um sistema socialista não poderia ser usado com muito sucesso no combate a esse sistema econômico, uma vez que as pessoas que defendem tal sistema possuem motivações muito variadas e nem sempre puramente econômicas:

Aquele que está disposto a adotar o socialismo por questões éticas e que sabe que a oferta de bens de consumo para os seres humanos sob um sistema de propriedade comum dos meios de produção será reduzida, ou aquele que é guiado por ideais ascéticos em seu desejo pelo socialismo, não irá deixar seus esforços serem influenciados por tudo o que foi dito neste ensaio. menos ainda serão influenciados aqueles socialistas “culturais” que, como Muckle, esperam que o socialismo primariamente efetue “a dissolução da mais assustadora de todas as barbáries — a racionalidade capitalista.” Porém, aquele que espera que o socialismo traga um sistema econômico racional será forçado a reexaminar suas noções. (Mises, 1920, p. 54).

### 3.5 COMENTÁRIO DE MISES A RESPEITO DO PROBLEMA DO CÁLCULO ECONÔMICO E AS SOCIEDADES SOCIALISTAS DE SUA ÉPOCA NO LIVRO “AS SEIS LIÇÕES”

Em seu livro “Economic Policy: Thoughts for Today and Tomorrow”, traduzido no Brasil como “As Seis Lições”, Mises dedica um capítulo ao tema do socialismo. Esse livro na verdade é uma reprodução do conteúdo de seis palestras que Mises fez na Universidade de Buenos Aires, na Argentina, em junho de 1959. Naturalmente, ele retoma o problema do cálculo econômico, que é um dos principais aspectos de sua crítica aos sistemas socialistas. Mas como essas palestras aconteceram em um contexto diferente de quando Mises escreveu seu artigo apresentando o problema do cálculo econômico pela primeira vez (em 1920), a análise delas permite ver como o pensamento de Mises amadureceu e como ele olha as experiências socialistas que estavam ocorrendo na época, especialmente o caso da Rússia.

Mises analisa vários aspectos da economia socialista no “As Seis Lições”, no entanto, nesse trabalho será abordada apenas a parte que faz referência ao problema do cálculo econômico.

Mises aponta que a economia industrial que se desenvolvia na época era grandemente baseada em cálculos, que servem para nortear o processo produtivo. São eles que permitem a medição da lucratividade de um empreendimento, da previsão de vendas de um produto, da quantidade total de gastos que uma empresa tem e muitas outras coisas. Tais cálculos dependem, no entanto, da existência de bens que sejam precificados. Os preços de um produto ou um serviço servem fornecem informações valiosíssimas para toda a economia, tanto do ponto de vista do produtor como do ponto de vista do consumidor. Assim, os cálculos que os empresários fazem para nortear suas decisões relativas às suas empresas só podem existir graças ao sistema de preços, segundo Mises.

No entanto, a abolição do mercado, e portanto do mecanismo de formação de preços de uma sociedade, é algo desejado pelos socialistas. Isso faria com que os cálculos e processos matemáticos que as empresas utilizam se tornassem inúteis. Não seria possível nessa situação determinar qual plano de ação seria o mais vantajoso, uma vez que não seria possível comparar os custos e os ganhos de cada um deles sem a existência de preços.

Assim, Mises afirma:

O problema de que estou tratando é a questão fundamental do cálculo econômico capitalista em contraposição ao que se passa no socialismo. O fato é que o cálculo econômico — e por conseguinte todo planejamento tecnológico — só é possível quando existem preços em dinheiro, não só para bens de consumo, como para os fatores de produção. Isso significa que é preciso haver um mercado para todas as matérias-primas, todos os artigos semi-acabados, todos os instrumentos e máquinas, e todos os tipos de trabalho e de serviço humanos. (Mises, 1979,p. 40).

Mises afirma que quando confrontados com o problema do cálculo econômico, os socialistas perceberam que não poderiam simplesmente eliminar o mercado de uma sociedade. Perceberam, portanto, a importância das observações de

Mises sobre os efeitos drásticos que a ausência do sistema de preços teria em uma economia.

Mises diz que a solução encontrada seria deixar existir uma espécie de simulação dos mecanismos do mercado, que permitisse que os preços dos bens fossem formados. Teria que ser apenas uma simulação, uma vez que o mercado necessariamente não poderia existir realmente em uma sociedade socialista, graças à proibição da existência da propriedade privada dos meios de produção. No entanto, Mises afirma que a mera simulação dos mecanismos de mercado não seria suficiente para resolver o problema do cálculo econômico.

A seguir, Mises aborda o contexto da Rússia socialista e a relação da economia desse país com o problema do cálculo econômico. Mises lembra que a Rússia sob o regime socialista estava inserida em um contexto econômico capitalista, uma vez que a economia global era majoritariamente composta de países capitalistas. Assim, os russos poderiam simplesmente recorrer aos preços praticados no mercado internacional para organizar a produção do país. Dessa forma, o fato da economia russa não ter imediatamente entrado em colapso ao concluir a transição de um regime capitalista para o socialista não poderia ser usado como uma negação da existência do problema do cálculo econômico.

Muitas pessoas se referiam à situação da Rússia nessa época como “o experimento russo”. Isso se dá porque, de fato, foi a primeira tentativa de se adotar um regime socialista. No entanto, Mises critica o uso da palavra “experimento”, que dá a impressão de que se está falando de algo próximo de um experimento científico, dizendo que no mundo real, no campo da ação humana, não há nada que possa ser comparado com os experimentos científicos:

Não se pode fazer experimentos de laboratório no campo da ação humana, porque um experimento científico requer a réplica de um mesmo procedimento sob diversas condições, ou a manutenção das mesmas condições acompanhada da criação de talvez um único fator. Por exemplo, se injetarmos num animal canceroso um medicamento experimental, o resultado pode ser o desaparecimento do câncer. Poderemos testar isso com vários animais da mesma raça, portadores da mesma doença. Se tratarmos parte deles com o novo método e não tratarmos outros, poderemos comparar os resultados. Ora,

nada disso é viável no campo da ação humana. Não há experimentos de laboratório nesse plano. (Mises, 1979, p. 41).

Mises aponta que, na verdade, o que o caso soviético mostra é que o socialismo não provocou uma melhora nos padrões de vida da população russa comparável às melhorias que ocorreram, no mesmo período, no país que era tido como o símbolo do capitalismo: os Estados Unidos da América.

Mises comenta que nos Estados Unidos o avanço tecnológico e o surgimento de inovações ocorria de modo muito acelerado porque as empresas estavam empenhadas o tempo todo em desenvolver novos produtos ou em procurar meios mais eficientes de se produzir, de modo a agradar os consumidores. A força principal que move as empresas não é o altruísmo, mas o desejo de obter lucros. O resultado da criação de um ambiente favorável ao capitalismo nos Estados Unidos fez com que o padrão de vida se elevasse nesse país de forma extremamente rápida, segundo Mises.

Por outro lado, na Rússia sob o regime socialista, onde não há esse ambiente que estimule o progresso econômico, o desenvolvimento do país foi muito menor.

Por fim, Mises ainda ressalta um aspecto da diferença entre os sistemas capitalistas e socialistas que muitas vezes é ignorado. No capitalismo, afirma Mises, o consumidor é também uma espécie de patrão. É nele que as empresas devem pensar em servir bem quando entram no processo de produção. Algo que ilustra esse fato são os cartazes escritos coisas como “Obrigado pela preferência. Volte sempre.”, que são comumente achados em algumas lojas, afirma Mises. No regime socialista, por outro lado, o consumidor é como se fosse alguém que devesse estar agradecido pela bondade dos líderes da sociedade em dar-lhe alimento e outros bens. Dessa forma, o tipo de aviso que se encontram em lojas de países totalitários é algo como “Agradeça ao grande líder, que lhe proporciona isso.” O cidadão passa a ocupar o papel de uma espécie de servo que recebe um favor de seu mestre: o Estado.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema do cálculo econômico é um tema de grande importância não só para a história do pensamento econômico do século XX, mas também para a atualidade. A apresentação que Mises fez sobre esse problema foi sem dúvida uma das maiores contribuições que esse autor deu ao pensamento econômico. Bettina Bien Greaves, autora do livro “Mises: An Annotated Bibliography”, escreve na introdução de seu livro:

Professor Ludwig von Mises dismissed the possibility of economic calculation in a socialist society where the government owns or controls all factors of production. In a socialist society, there are no exchanges, no sales or purchases of factors of production. Without exchanges there is no real market; without a market, there are no real prices. Without prices derived through competition on the market, there is no way to compare the relative values of the various factors of production. Thus, in a socialist society without prices, there can be no economic calculation. Pointing this out is one of Mises' major contributions to economic theory. (Greaves,1993, p. 9).

É importante notar que o artigo original de Mises deu origem a um longo debate e que vários autores escreveram sobre o tema do problema do cálculo econômico, alguns sendo favoráveis e outros sendo contra a tese de Mises. No entanto, o objetivo desse trabalho não é descrever todos os aspectos do debate, mas apenas expor o problema apresentado por Mises para dar maior visibilidade ao tema e à obra desse autor, que é muitas vezes ignorado no meio acadêmico brasileiro.

Assim, espera-se que a descrição da exposição que Mises faz sobre o problema do cálculo econômico em seu principal artigo sobre o assunto, “O Cálculo Econômico sob o Socialismo”, feita nesse trabalho seja útil em tornar o tema um pouco mais conhecido no Brasil e, com sorte, talvez ajude a desenvolver o interesse de mais pessoas sobre o tema, sobre Mises e sobre a Escola Austríaca de Economia.

## 5 REFERÊNCIAS

BARBIERI, F. História do Debate do Cálculo Econômico Socialista. 2004. 293 f. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004

GREAVES, Bettina Bien; MCGEE, Robert W. Mises: an annotated bibliography. Irvington-on-Hudson, New York: Foundation for Economic Education, 1993. 391 p.

HOPPE, H. Socialism: A Property or Knowledge Problem?. *The Review of Austrian Economics*, v. 9, n. 1. 1996 Disponível em:  
<[http://mises.org/journals/rae/pdf/rae9\\_1\\_13.pdf](http://mises.org/journals/rae/pdf/rae9_1_13.pdf)> Acesso em: 11/10/2016.

ROTHBARD, M. N. *O Essencial von Mises*. 1973. 52 p.

ROTHBARD, M. N. The End of Socialism and the Calculation Debate Revisited. *The Review of Austrian Economics* v. 5, n. 2. 1991 Disponível em:  
<[https://mises.org/journals/rae/pdf/rae5\\_2\\_3.pdf](https://mises.org/journals/rae/pdf/rae5_2_3.pdf)> Acesso em: 11/10/2016.

MISES, L. *As seis lições* 1979. 108 p.

MISES, L. *O Cálculo Econômico sob o Socialismo* 1920. 54 p.

MISES, L. *Socialism An Economic and Sociological Analysis* 1922, 1932, 1951. 600 p.